ARTE E LINGUAGEM II.

Módulo III

Percursos de abordagem em Arte Visual.

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Tópico 5

Revisão dos percursos de abordagem até Panofsky.

Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE Visual ensino

Primeiramente é necessário destacar que as aproximações com as Obras de Arte, realizadas em qualquer tempo ou lugar, depende do contexto sociocultural, portanto, não há neutralidade quer na produção daquilo que se chama Arte, quer no modo, função ou interesse em observar, apropriar, apreciar ou compreender tais manifestações. O ser humano é dotado de características biológicas e psicológica em que os valores determinam sua índole, comportamento e compreensão de mundo, logo, não é neutro.

Pensar na existência de um “ser humano ideal”, é ignorar os processos constitutivos biológicos, as condição psicossociais, contingências históricas e socioculturais que o transformaram ao longo do tempo. Em cada época e lugar surgiram manifestações humanas, mas estas manifestações não permaneceram sempre as mesmas, elas se transformaram, se adaptaram ao atendimento de funções, necessidades materiais ou sociais emergentes em cada momento.

O percurso histórico das manifestações artísticas dão uma visão geral de como a relação do ser humano com a criação artística ocorreu. Não é possível pensar que o que se chama de Arte no contexto da pré-história seja a mesma coisa que se chama de Arte hoje em dia. No entanto as preocupações com o conhecimento *sobre* Arte toma por base a produção *em* arte realizada ao longo do tempo e é sobre esta produção que são realizados os estudos sobre ela. Não se pode retirar as obras de seus contextos para estuda-las.

O que se pode fazer é tentar identificar características, categorias, condutas, procedimentos, funções e finalidades que auxiliem a compreensão do que é Arte em cada um dos momentos socioculturais em que ocorreu, só assim é possível construir o conhecimento sobre ela. As pessoas que se dedicaram a apreciar, observar, apreender e compreender as manifestações artísticas foram responsáveis por criar segmentos, teorias, metodologias e estratégias de aproximação com ela, é a isto que esta disciplina se dedica.

O mundo da Arte é um mundo complexo. Não pela dificuldade de conhece-lo, mas pela necessidade de identificar motivos e interesses que mobilizaram sua produção. Para tanto é necessário estabelecer percursos, identificar teorias, métodos que auxiliem a constituição de um conjunto de saberes capazes de facilitar sua abordagem e, principalmente, compreender seus sentidos e significados. É para isto que servem as Teorias e Métodos de abordagem e análises. Sem eles o que resta é a ideia de complexidade.

A Arte é produzida há milênios, portanto sua compreensão tem o mesmo tempo. O que significa dizer que em cada momento, época ou período em que ocorreu, foi realizada por motivos e funções diferentes. Por isto a compreensão de que é necessário estabelecer parâmetros capazes de analisa-la em cada um deles é plausível. Não há um só critério, teoria ou método, mas um conjunto deles que devem ser avaliados para identificar o que melhor se adequa às obras que se quer compreender.

Além dos apontamentos já feitos sobre os campos Teóricos, pode-se destacar alguns autores que selecionaram algumas abordagens: Jean-Luc Chalumeau considera cinco famílias teóricas na arte: Fenomenológica, Psicológica, Sociológica, Formalista, Estruturalista. Giulio Carlo Argan e Maurizio Fagiolo, definem quatro campos: Iconológico, Sociológico, Formalista e Estruturalista.
Arnold Hauser, admite, mais duas uma filosófica e outra folclórica ou popular. Recentemente pode ser consideradas as tendências cognitivista com Michael J. Parsons e outra Educacional de Fernando Hernández.

Enfim a profusão de teorias exige leituras e aproximações para identificar a que mais atenda aos interesses das análises de determinados tipos de Obras de Arte no tempo e no espaço. Como esta disciplina se baseia na História da Arte Ocidental, a opção é destacar algumas abordagens metodológicas que foram instauradas por estudiosos com o passar do tempo para abordar a Arte Visual. Cumpre reforçar que não há uma que sirva para tudo e para sempre, mas é possíveI realizar combinatórias.

É comum iniciar as abordagens sobre as Teorias ou Metodologias que se aproximam da Arte a partir da Antiguidade, já que, na Pré-história, como o nome diz, não havia “história”, ou registros escritos das motivações ou interesses que levaram os seres humanos daquele período a realizar imagens. O mais comum é a elaboração de Hipóteses que expliquem ou justifiquem os motivos pelos quais aquelas imagens foram produzidas. Mas a partir da antiguidade já é possível identificar alguns indícios.

Na Antiguidade Clássica é possível identificar pessoas que se dedicaram à *reflexões* e *descrições* sobre Arte, artistas e produção artística em busca de explicações e/ou justificativas. Entre eles pensadores como Aristóteles, Platão, Plotino, Plínio e outros que teceram as primeiras impressões sobre as motivações, características, funções e finalidades da Arte. Com isto inauguraram o pensamento Sobre Arte ou intuíram as primeiras Teorias a partir de uma concepção de Arte Idealizada ou individualizada.

No período Medieval, surgiram descrições e receituários dedicados aos fazeres artísticos. Note-se que não havia distinção entre um artesão e um artista, o conceito de “artista” ainda não havia sido delimitado ou distinto de um saber psicomotor especializado para uma atividade cognitiva e intelectual valorizada. A transformação de uma visão de Arte idealizada típica da versão Grega, para uma abordagem passional: Herética, Religiosa e Cristã, marcou todo o período Medieval.

Neste caso os pensadores cristãos dão o tom: Santo Agostinho, Santo Anselmo, São Tomás de Aquino. O Quadrivium escolástico da Universidade Medieval orienta o pensamento dos estudiosos. A Arte como Ofício ainda é uma característica deste período, também entendida como Arte Liberal e os textos se dedicam a receituários e não à reflexões conceituais. Por fim Artistas como Giotto, Cimabue, Cenino Cenini, se tornam referências para a Arte do final da Idade Média.

O Renascimento, como o próprio nome diz, promove o retorno ao passado histórico e às conquistas gloriosas dos antepassados, neste sentido a valorização da tradição histórica greco-romana passa a orientar tanto o pensamento quanto a produção artística. Além dos receituários técnicos, ainda comuns, há também uma abordagem conceitual sobre o fazer dos artistas e o destaque de sua individualidade e genialidade dando a eles o protagonismo que, até hoje, se atribui a alguns deles.

A consagração de nomes como Michelangelo, Raphael, Da Vinci, Boticelli, entre outros tidos como gênios, passam a ser referência para criação artística em busca de uma Arte Hegemônica estimulada pela criação das Academias. A partir de então a Arte pode ser “ensinada”. A formação do artista assume uma estrutura didática e pedagógica que valoriza e mantém diretrizes oriundas do idealismo surgido na Grécia e que se torna, mais tarde, um modelo clássico canônico para a Arte Ocidental.

A partir do Renascimento vão surgir abordagens que já podem ser consideradas como Métodos. Uma delas é a de Giorgio Vasari, cujo levantamento histórico: *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori* - As Vidas dos mais Excelentes Pintores, Escultores e Arquitetos, publicado em 1550, descreve a biografia de artistas e marca o primeiro levantamento histórico sistemático no campo da Arte e, ao mesmo tempo, instaura o *Método Biográfico*. Uma aproximação analítica feita a partir da biografia dos artistas.

Uma mudança importante é a transição da Arte Religiosa, típica do período Medieval, para a Arte Laica, produzida a partir do Renascimento. Isto leva a uma ampliação temática, além dos temas religiosos, intensificam os temas mitológicos, históricos e as obras comissionadas por detentores do poder como nobres, religiosos, banqueiros, comerciantes e quem mais pudesse pagar encomendas e também colecionar Obras de Arte. Com isto o *status* social do artista muda para melhor. O Tratado da Pintura de Alberti, vai dar o tom do Classicismo Renascentista.

Do Método Biográfico do século XVI pode-se saltar para o *Método Historiográfico* ou *Historicista* introduzido, principalmente, por Joachin Winckelmann, no século XVIII. Este método substitui a visão sobre a biografia dos artistas pela abordagem classificatória das Obras mediante a variação dos Estilos. Para ele há uma sucessão de transformações entre o nascimento, desenvolvimento e desaparecimento de um Estilo. No entanto, o mais importante é o percurso histórico que estas transformações proporcionam.

Uma mudança deste método vai ocorrer, no século XIX, por conta de Hyppolyte Taine que acrescenta à questão do Estilo a importância do *Contexto*. As obras não podem ser isoladas ou descoladas de seus contextos sob o risco de não serem compreendidas em sua essência pois é ele quem dita as orientações das obras. Este Método é chamado de *Positivista*. Considera o imbricamento entre a produção artística, a sociedade, a cultura e demais fatores que determinam a índole sociocultural de um período como indissociável das Obras.

Outro Método relevante surge também no século XIX a partir dos trabalhos de Aloïs Riegl e de Heinrich Wölfflinn que passam a valorizar os aspectos plásticos, ou seja, a Forma. Os estudos da Forma são tomadas como a base para a compreensão das Obras de Arte. Os modos como são determinadas as estruturas formais, compositivas, cromáticas, luminosas, espaciais etc. são as bases para o desenvolvimento das análises, portanto, chamado de *Método Formalista* ou da *Pura Visualidade,* oriundo da *Escola de Viena*.

No início do Século XX, surgem abordagens que apontam a existência de aspectos subjetivos nas Formas, ou seja, não são apenas as questões sociais que importam na configuração das Obras de Arte, mas também as preferências subjetivas e pessoais como empatia e percepção dos artistas na escolha do estilo daquilo que mostram. Esta tendência é apontada por Wilhelm Worringer e pode ser identificada como *Psicologia do Estilo*.

Nesta mesma linha de aporte Psicológico, surge Rudolf Arnheim, que considera a estrutura configurativa das Obras de Arte como portadoras de sentido e significado. Desenvolve o pensamento em torno de uma *Psicologia da Forma*. Boa parte de seus estudos se baseiam no desenvolvimento da Teoria da Gestalt e na Psicologia da Forma. Segundo esta tendência as Obras de Arte possuem estruturas constitutivas que geram significação. Isto pode ocorrer espontânea ou propositalmente.

Ainda nesta linha pode ser considerada a abordagem de Carl Gustav Jung, um dos teóricos da Psicanálise que, a partir da existência do processo de simbolização típico do ser humano, leva à incorporação de certos símbolos às manifestações artísticas. Ele traz a ideia dos Arquétipos humanos, ou seja, os papéis que os indivíduos representam na sociedade e como, tais arquétipos ou “padrões de comportamentos universais”, são apresentados nas obras de Arte.

Aby Walburg, Erwin Panofsky e Ernest H. Gombrich, apresentam abordagens metodológicas mais produtivas no contexto das análises de Obras de Arte: *Iconográfica* e *Iconológica*. Ambas se dedicam à interpretação intrínseca das imagens. A *Iconografia* se refere aos estudos dedicados à *descrição* das imagens e a *Iconologia* à *interpretação* das imagens. Um e outro pode ser tomado isoladamente ou simultaneamente. A configuração visual da imagem é o objeto de estudo destes métodos instituído pelo *Instituto Walburg*.

Uma das abordagens metodológicas mais importante dentre os vários possíveis é, sem dúvida, o *Sociológico*. Um de seus representantes é Arnold Hauser. Segundo ele as manifestações artísticas são impregnadas de funções sociais manifestas como, por exemplo: poder, ideologia, culto, manipulação, etc. Identificar como e por que tais funções estão presentes nas Obras de Arte, é um dos caminhos para sua compreensão e acesso aos sentidos e significação.

Uma das abordagens metodológicas que vêm sendo utilizada para analisar as manifestações artísticas é a Semiótica. Embora seja oriunda dos Estudos da Linguística, tem surgido como um recurso viável para algumas abordagens, especialmente a partir das manifestações mais recentes e pós-modernas devido à incorporação pelas Obras de Arte de aspectos e valores que extrapolam a visão usual e corriqueira das poéticas recorrentes como Desenho, Pintura, Escultura, Gravura e mesmo da Fotografia.

A ampliação e expansão das Poéticas Expressivas que surgiram desde meados do século XX, como as interventivas, performativas e das mídias tecnológicas, careciam de uma atualização das Metodologias, neste sentido, a Semiótica se tornou uma alternativa importante para ampliar as possibilidades de análise. Um dos primeiros teóricos a recorrer a Semiótica foi Uberto Eco. Considerar a existência de Signos na estrutura das Obras de Arte foi um passo decisivo para esta abordagem.

Como já dito: não há uma metodologia melhor ou pior que outra, mas uma que se revela como mais adequada em determinadas circunstâncias e que possibilita análises mais eficientes para o fim desejado, elas sempre apresentam alguma parcialidade. Não se pode dizer que foram esgotadas todas as possibilidades metodológicas, pois foram arroladas apenas algumas dentro do percurso histórico recortado para tanto. Por outro lado, a escolha metodológica deve tomar por base alguns aspectos: seja o tipo de obra que se quer analisar, períodos ou artistas.

Os modos e maneiras por meio das quais as manifestações artísticas surgiram são determinantes na escolha de uma abordagem. Não seria adequado, por exemplo, usar o Método Formalista para analisar uma Instalação, neste caso, o Método Semiótico poderia produzir melhores resultados. Boa parte das Metodologias apresentadas são promissoras ao se tratar de obras produzidas até o Modernismo, mas não a partir do Pós-Modernismo.

As manifestações Conceituais, por exemplo, nem sempre são contempladas pelas metodologias tradicionais, portanto, é possível propor e desenvolver aportes diferenciados que podem ou não recorrer a elas. O que tem se mostrado como estratégia viável é combinar diferentes metodologias para obter o máximo de informação e, portanto, realizar uma boa análise. Outro aspecto relevante é a existência de Curadorias em boa parte das mostras atuais, isto facilita as análises e compreensão.

Dados disponíveis em rede e nas plataformas digitais auxiliam a coleta de material destinado ao desenvolvimento de estudos e análises. O avanço destas tecnologias também vêm facilitando a aproximação com as manifestações artísticas na medida em que é possível evitar o deslocamento geográfico em busca de dados. *Sites* de artistas, instituições e demais ambientes virtuais se tornaram fontes acessíveis, rápidas e eficientes, basta saber o que e onde procurar para obter dados confiáveis.

Como base de delimitação dos objetos de estudo, é possível conceber por Imagens todas Configurações Visuais Geradoras de Sentido e/ou Significado/Significação. Sob este foco, as imagens são as construções realizadas pelos seres humanos no contexto da Arte Visual. Ficam fora quaisquer outras imagens produzidas com outros fins que não sejam estéticos. Não fazem parte deste estudo imagens publicitárias, documentais, comerciais ou qualquer outro tipo que não esteja estritamente no campo da Arte Visual.

Neste sentido é possível analisar imagens planas sem movimento ou com movimento e também construções tridimensionais com e sem movimento. Neste alinhamento é possível contemplar grande número de imagens criadas desde os primeiros tempos aos atuais. Portanto, há poucos limites para escolha de Projetos de Trabalho e amplo e variado espectro de possibilidades. As escolhas podem focar autores, processos, movimentos, escolas, estilos, tendências, etc., mas como começar?

De acordo com a proposta da disciplina, para desenvolver a apreciação artística, é necessário começar de algum ponto. Uma das abordagens metodológicas mais “didáticas” para iniciar a construção de um percurso de análise capaz de obter sentidos e significações, é a de *Erwin Panofsky*. Sua proposta se baseia numa abordagem Iconológica ou Método Iconológico a partir dos estudos de Iconologia que desenvolveu no Instituto Walburg. Ele defende a relação integrada entre Forma e Conteúdo na produção de sentido.

Esta abordagem caracteriza um percurso didático eficiente de análise para estudos em Arte Visual. Embora tenha sido desenvolvida a partir de estudos sobre o Renascimento, revelou-se eficiente para outros períodos ao possibilitar uma aproximação gradual e sistemática sobre as Manifestações artísticas. Foi publicada originalmente em 1955, no livro *Significado nas Artes Visuais,* contudo ainda é atual ao considerar que é uma das únicas abordagens constituída como uma metodologia.

Para acessar o texto de Panofsky: https://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos/download/16-textos/1996-o-significado-nas-artes-visuais

1. O que significa pensar em um "ser humano ideal" em relação a impossibilidade de existir uma Arte fixa e universal?

2. Qual a relação dos estudos das Obras de Arte em relação aos contextos históricos e socioculturais originais.

3. O que caracteriza o Método Formalista, da Pura Visualidade de Aloïs Riegl e Heinrich Wölfflin em relação ao tipo de elementos de análise?

4. Diferencie Iconografia e Iconologia, conforme apresentadas pelos autores ligados ao Instituto Warburg: Warburg, Panofsky e Gombrich.

5. Explique os motivos da abordagem de Panofsky ser ainda relevante para os estudos em Arte Visual.